

**FERNANDA E FLORBELA:
CURIOSOS ENCONTROS E DESENCONTROS NA VIDA,
NA LITERATURA E NOS JORNAIS**

***FERNANDA AND FLORBELA:
CURIOUS MEETINGS AND DISMISSALS IN LIFE,
LITERATURE AND NEWSPAPERS***

**Andreia Alves Monteiro de Castro
UERJ**

Resumo: A obra e a vida das poetisas Fernanda de Castro e Florbela Espanca, quase sempre antitéticas, mas, sem dúvidas, complementares, para além da importância estética e artística, são testemunhos importantes do momento histórico no qual estão inseridas. Impressionantemente, algumas aproximações entre as duas já haviam sido ensaiadas pelas próprias poetisas, cujas trajetórias, tanto biográficas como artísticas, cruzaram-se algumas vezes. Se a princípio se comportaram como rivais, disputando tanto no campo literário como no dos afetos, as transformações das mentalidades ocorridas durante quase três décadas, certamente, fizeram com que Fernanda e Florbela, pelo menos simbolicamente, se apaziguassem. Fernanda, que de alguma forma contribuiu para criação de uma imagem estereotipada e estigmatizada de Florbela, com a maturidade entendeu que as vicissitudes impostas pelo contexto sociocultural do início do século XX também foram responsáveis pelo “encontro falhado” das duas. Fernanda, que só morreria em 1994, testemunhou tantas outras transformações sociais e políticas que fizeram com que Florbela fosse considerada um dos grandes nomes da poesia portuguesa.

Palavras-Chave: Poesia, Imprensa, Fernanda de Castro, Florbela Espanca

Abstract: *A work and a life by the poets Fernanda de Castro and Florbela Espanca, almost always antithetical, but without a doubt, complementary, in addition to the aesthetic and artistic importance, are important witnesses of the historical moment in which they are inserted. Impressively, some approaches between which poets have already rehearsed, trajectories, both biographical and artistic, have sometimes crossed. If a principle behaves like rivals, dispute both in the literary field and in the affections, as transformations of mentalities that occurred during almost three decades, certainly caused by Fernanda and Florbela, at least symbolically, would be appeased. Fernanda, who somehow contributed to the creation of a stereotyped and esteemed image of Florbela, with maturity understood as vicissitudes imposed by the socio-cultural context of the beginning of the 20th century, were also responsible for the “failed encounter” of the two. Fernanda, who died in 1994, experienced so many other social and political changes that made Florbela considered one of the great names in Portuguese poetry.*

Keywords: *Poetry, Press, Fernanda de Castro, Florbela Espanca*

No décimo segundo volume de seu *História de Portugal*, Joaquim Veríssimo Serrão (1990) aponta duas “figuras de mulher” como grandes revelações do panorama literário do início do século XX: Florbela Espanca e Fernanda de Castro. Conforme a análise feita pelo historiador, é possível afirmar que a obra e a vida das duas escritoras, quase sempre antitéticas, mas, sem dúvidas, complementares, são testemunhos importantes daquele momento histórico. Nas palavras de Serrão, Florbela Espanca, “com um entranhado amor pelo Alentejo natal”, soube como poucos “transplantar para a sua lírica os segredos da terra e as amarguras íntimas, numa linguagem de vibrante e dramática musicalidade” (1990, p. 363). Já os poemas de Fernanda simbolizariam, “por um lado, o cântico da vida e, por outro lado, a magoada expressão das desditas humanas com quem se exprime solidária” (1990, p. 363).

De modo curioso, algumas aproximações já haviam sido ensaiadas pelas próprias poetisas, cujas trajetórias, tanto biográficas como artísticas, cruzaram-se algumas vezes. Em carta a Américo Durão, redigida em Vila Viçosa, em 05 de janeiro de 1920, Florbela, com aparente despeito e com afirmado desconforto, comenta a descoberta do namoro do amigo com uma jovem a quem ela faz menção apenas pelas iniciais:

Falava-se de F. C.. Com um grande entusiasmo, descreveu-a muito interessante e falou-me quase com enternecimento da graça da sua linda mocidade, dos seus lindos 19 anos. E eu que nada compreendi! Se eu lhe disse, porém, que ela não era bonita nem elegante, foi pelo que toda a gente me tinha dito. (ESPANCA, 2002, p. 233).

Além de se desculpar por criticar a aparência da rival – para ela Fernanda não era bonita nem elegante –, a remetente, com ironia, diz entender o motivo pelo qual Durão preferiria os sonetos da namorada aos da amiga: “Envio-lhe meu último soneto. Juro-lhe que V. tem razão em preferir os da... por todas as razões além daquela que eu já sei há dias” (2002, p. 234). Ainda na missiva referida anteriormente, Florbela comenta que os sentimentos a ela oferecidos pelo amigo eram como lilases brancos, muito pálidos e delicados, não serviriam à Sórora Saudade, que só acreditava nas flores roxas. Os brancos lilases deveriam ser unidos às rosas vermelhas ofertadas à Fernanda, simbolizando a “loucura de um grande amor” e “a pureza de uma ternura amiga” dedicadas somente à namorada (2002, p. 234).

Emblematicamente, talvez também em resposta à Florbela, Fernanda de Castro, de facto, assume a cor vermelha como símbolo de sua alma selvagem e apaixonada. Como afirma David Mourão-Ferreira, Fernanda teria sido a primeira do “país de musas sorumbáticas e de poetas tristes, a demonstrar que o riso e a alegria também são formas de inspiração, que uma gargalhada pode estalar no tecido de um poema, que o Sol ao meio-dia, olhado de frente, não é um motivo menos nobre do que a Lua à meia-noite” (apud. CASTRO, 1989, p. 15). Em entrevista publicada na revista *Ilustração Portuguesa*, no dia 5 de novembro de 1921, Fernanda de Castro, quase que em diálogo com Florbela, afirma que cada alma teria sua cor. As brancas seriam raras, as cinzentas seriam as piores, mas a dela era vermelha. De resto, poesia à parte, ela gostava mesmo era do encarnado, porque lhe

ficaria bem, devido a tez morena e os profundos olhos verdes (CASTRO, 1921, p. 332).

No corpo da matéria, fica evidente a tentativa de retratar e valorizar a produção intelectual e artística da, então, jovem escritora. Não somente pelo texto do entrevistador, mas pelas fotografias selecionadas, nas quais o seu gabinete de trabalho é destaque:

Jornalista moderna e interessante, espalha artigos e crônicas pelo *Século* da noite, *Capital*, *Ilustração Portuguesa*, *A. B. C.*, *Pátria* e *Diário de Lisboa* e a gente pensa que grande exemplo de trabalho e de perseverança dá esta rapariga que a sorrir trabalha todo o dia dignificando amplamente a sua ingrata profissão de mulher de letras, bastando-se a si própria, impondo-se como alto exemplo de honestidade e como um enternecedor temperamento de mulher que vence (CASTRO, 1921, p. 332).

Figura 1- Fernanda de Castro em seu gabinete de trabalho



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, Série II, n. 820, p.330

Parece que Florbela teria realmente tocado em assunto relevante e recorrente nos textos daquela que considerava ser sua “rival”. A entrevista dada por Fernanda à *Ilustração Portuguesa* também deixa entrever que a escritora talvez pudesse ter vivido algumas questões em relação ao seu tipo físico. Quando perguntada a respeito do lugar de sua predileção, a poetisa afirma que, das “terras” por ela conhecidas, a sua preferida era Guiné, pois aquele era o único lugar no qual ela teria sido reconhecida como uma mulher branca. Fernanda ainda arremata: “Trata-se, como vê, duma questão de contraste.” (CASTRO, 1921, p. 332). A questão é retomada em *Ao fim da memória*. A poetisa, ao relembrar um registo fotográfico na infância, comenta rapidamente que o seu tipo físico, “alta, esguia, de pele morena e de cabelo escorrido”, talvez não angariasse a preferência nem mesmo de sua mãe. Segundo Fernanda, certamente, a irmã loura, rosada e com os cabelos encaracolados possuiria a aparência ideal.

A despeito desses episódios, Fernanda celebra trazer no corpo e na alma os traços de sua ascendência goesa. Em carta ao marido, relata: “Tenho, invisível na testa, uma pinta vermelha. Por debaixo das grosseiras roupas ocidentais, uso colado à pele um sári de imponderável seda que julgo

azul-pálido. Sinto um desejo imperioso de acariciar o dorso de um tigre” (CASTRO, 2006, p. 147). O poema “Atavismo”, do livro *Trinta e nove poemas*, também é exemplo disto. Nele, o sujeito poético revela ter herdado do avô nobre e budista além da cor escura da canela, “gestos e crenças de outras eras,/ um respeito sagrado pelas feras/ e a volúpia de morte e de infinito...” (CASTRO, 1942, p. 50).

Na verdade, a origem nobre e culta de Fernanda parece ter aberto muito mais portas do que fechado. A poetisa, amiga de Teresa Leitão de Barros, de Virgínia Vitorino e de Branca de Gonta Colaço, frequentou os salões literários e os serões musicais mais concorridos de sua época. Talvez, tenha conhecido Américo Durão em um deles. Também em *Ao fim da memória*, sobre o namoro com o autor de *Vitral da minha vida* e *Tântalo*, Fernanda afirma que todo o caso se resumiria a um inoportuno e bizarro pedido de casamento: “Um dia, Américo Durão escreveu-me uma carta com três palavras apenas: Quer casar comigo?” (1998, p. 90). A resposta dada ao estranho pedido de seu apaixonado teria sido: “A que propósito?”. Após o incidente, Fernanda de Castro e o “flirt poético” de Florbela teriam se tornado apenas bons amigos, sem nunca trocar uma palavra sobre o acontecido.

No entanto, em seu livro *Antemanhã*, de 1919, Fernanda de Castro dedica o poema em quadras “Campestre” a Américo Durão. Nele, o eu lírico masculino rememora à amada um episódio de intimidade vivido pelos dois em plena comunhão com a natureza: “À noite no arraial,/ [...] / Dançamos a noite inteira/ [...] / Depois falei-te de amores/ [...] / Ao depois na desfolhada/ Apertei-te nos meus braços,/ Foste a minha conversada,/ Respondeste aos meus abraços” (CASTRO, 1919, p. 30).

Se o namoro com Durão foi efêmero, o casamento com o escritor, jornalista e político António Ferro durou uma vida inteira. Os dois foram apresentados publicamente em 1921, quando António fazia a sua famosa conferência *Colette, Willy, Colette*, sobre a escritora francesa Sidonie Gabrielle Colette¹:

Foi na Liga Naval, naquela tarde em que fizeste uma conferência sobre a Colette. Gostei, gostei até muito da conferência, mas gostei menos da maneira um pouco arrogante como me perguntaste, quando nos apresentaram: Então? Gostou? Irritou-me essa pergunta que era mais uma afirmação do que uma pergunta e respondi então, com uma falsa, mas bem imitada indiferença: Da conferência? Não desgostei. Adoro a Colette” (CASTRO, 2006, p. 147).

Fernanda e António, em 1922, uma vez que o noivo estava no Brasil para proferir a sua festejada conferência *A idade do Jazz Band* e para participar da famosa e longa² Semana de 22³. A noiva, que também viajara para apresentar seus poemas, acaba se tornando próxima de grandes nomes do modernismo brasileiro, como Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Anita Malfatti,

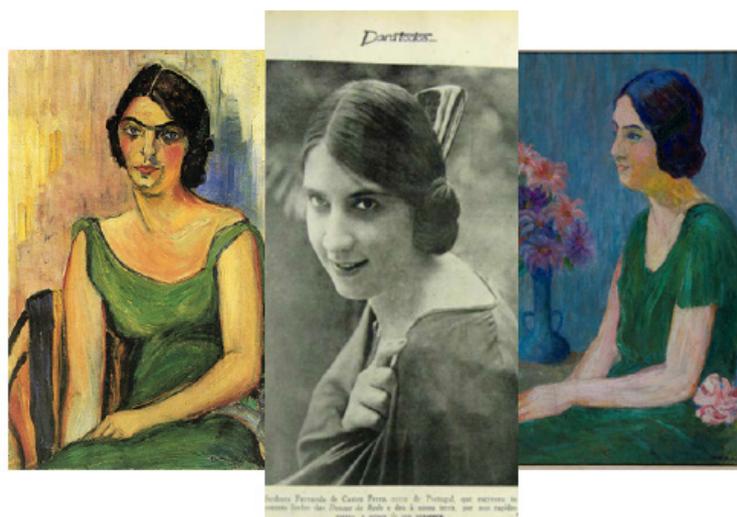
<> Escritora de trajetória vanguardista em meio à sociedade conservadora de Paris no século XX. Ela passou anos na sombra do marido, até o momento em que subverteu as regras do machismo da época e se tornou uma das principais figuras lutando pelo reconhecimento feminino. Fonte: <https://www.aliancafrancesa.com.br/novidades/gabrielle-colette/>. Acessado em: 30 de julho de 2020.

² Em *A semana sem fim*, Frederico Coelho (2019) aponta que as celebrações e apresentações iniciadas em fevereiro, na verdade, perduraram pelo resto do ano, chegando ao ano de 1923.

Mario de Andrade e Cecília Meireles.

Contrariando a opinião despeitada de Florbela, a exuberância e a simpatia “da morena dourada de olhos verdes” (AMARAL, 2008, p. 212) foram muito festejadas no Brasil. Várias colunas e artigos veiculados na imprensa da época comentaram o talento e a beleza da Sra. António Ferro. A poetisa que foi chamada de musa pela imprensa brasileira, como registra a legenda da *Revista Para Todos*, e proclamada “Rainha da Semana de Arte Moderna de São Paulo” (CASTRO, 1998, p.186), de acordo com as suas memórias, acabou, de fato, servindo como modelo para as telas de Anita Malafatti e de Tarsila do Amaral:

Figura 2- Fernanda de Castro, da esquerda para a direita, na pintura de Anita Malfatti, nas páginas da revista *Para Todos* e na pintura de Tarsila do Amaral



Fonte: Quadro pintado por Anita Malfatti - <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1378/fernanda-de-castro>. Foto da revista *Para Todos* - *Para Todos*. 31 de março de 1923. Ano V, n. 223, p. 17. Quadro pintado por Tarsila do Amaral - *A fim da memória*. Memórias II. Lisboa: Litografia Original, 1988, capa.

No entanto, surpreendentemente, ao contrário de Américo Durão, que teria considerado os poemas de Fernanda superiores aos de Florbela, António Ferro, em um artigo do *Diário de Notícias*, do dia 24 de fevereiro de 1931, no qual valoriza o trabalho poético de Florbela, sobretudo os sonetos de *Charneca em Flor*, menospreza a poesia feminina lida nos salões e nos chás literários, como era a de Fernanda, tal qual aponta Cláudia Pazos Alonso:

A descrição grotesca de Ferro da colmeia de poetisas e da poesia convencional lida nos chás literários é tanto mais extraordinária quanto é verdade ele ter sido um habitué dos salões literários e ter sido íntimo de algumas das poetisas mais conhecidas da nomeadamente Fernanda de Castro com quem era casado. (1997, p. 32).

Após o episódio envolvendo Américo Durão, Fernanda de Castro e Florbela Espanca permaneceram distantes, ainda que não se ignorassem. Em 1924, Fernanda de Castro, na sua coluna “Crônicas da Cidade”, do *Diário de Notícias*, publica o texto “Álbum de retratos”, no qual tece um

breve comentário sobre a poetisa alentejana: “Florbela Espanca, a Soror Dolorosa, fechou-se no silencio como num convento...” (Portugal/BN Esp. N10/34).

Figura 3 – Recorte do *Diário de Notícias*



Fonte: http://purl.pt/272/2/n10/n10_item34/P1.html

Em 1930, de acordo com o livro de memórias de Fernanda, as duas poetisas teriam estado juntas em um compromisso profissional, a despedida de Maria Amélia Teixeira, diretora do *Portugal Feminino*, que viajaria para Brasil: “a nossa conversa foi amigável, mas completamente banal” (CASTRO, 1998, p. 90). Uma foto de Maria Amélia com as suas colaboradoras registra a “despretensiosa e linda festa de confraternização”, e serve como prova documental do último encontro entre Fernanda e Florbela (TEIXEIRA, 1930, pp. 14-15).

Figura 4- A diretora e algumas das colaboradoras de Portugal Feminino. Da esquerda para a direita, Florbela é a quarta e Fernanda é a sexta das que estão de pé.



Fonte: *Portugal Feminino*, Ano1, n. 08. Lisboa: setembro de 1930.

Duas semanas após a comemoração, um dos derradeiros enlacs entre as duas ocorreria. Segundo a esposa de António Ferro, Florbela, nas vésperas de sua morte, teria passado o dia a procurá-la: “telefonou duas vezes para a minha casa, e falou para a Bertrand e para a Portugália,

onde eu ia muitas vezes à tarde” (1988, p. 89). Mas Fernanda de Castro não chegou a atender nenhum dos dois chamados: “Por um acaso triste, nunca me encontrou, e, em toda a parte, o recado que deixava era o mesmo” (1988, p. 89). Ainda sentindo o peso do remorso por não ter procurado por Florbela naquela triste ocasião, Fernanda se empenha em ajudar o marido a promover uma campanha nacional para arrecadar fundos para a construção de um monumento com intuito de impedir que a poetisa fosse esquecida: “mal a conheci em vida e agora, depois de morta, Florbela anda comigo” (1988, p. 89).

No *Diário de Notícias*, de 27 de fevereiro de 1931, Fernanda de Castro, juntamente com Teresa Leitão de Barros e Laura Chaves publicam uma carta que pedia ao diretor, Eduardo Schwabach, a abertura de uma subscrição a favor da criação do busto de Florbela. Além disso, quando a campanha passa a ser organizada pela *Revista Eva*, Fernanda publica um longo artigo, no qual as linhas da articulista são entrecortadas por versos escrito por Florbela, parecendo constituir um diálogo, talvez aquele que não foi possível.

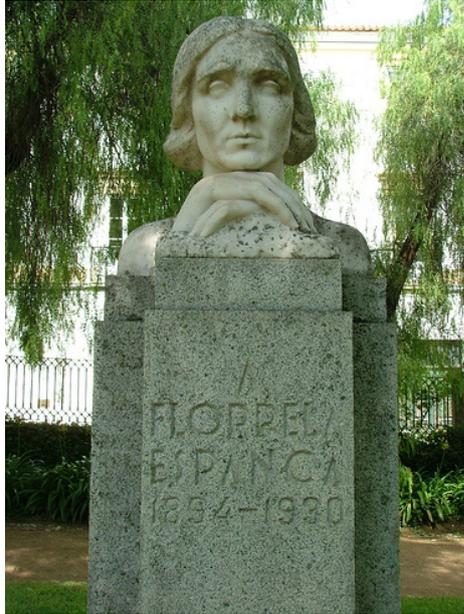
Figura 5 – Artigo de Fernanda de Castro.



Fonte: *Eva*. Ano 6, n. 304. Lisboa, 07 de março de 1931

Cabe ainda ressaltar que a imagem de uma Florbela “torturada, insatisfeita, doente”, de alguém que não “soube viver sem quebrar preconceitos, algemas e correntes”, cristalizadas pelas palavras de Fernanda, por muito tempo, aguçou o imaginário de muitos e atraiu a reprovação de tantos outros. Devido a “vozes que diziam que a poetisa era uma mulher com várias fraquezas”, o monumento só foi inaugurado no jardim público de Évora em 1949, como informado pelo periódico *Notícias de Évora*, de 18 de junho de 1949.

Figura 6 -Busto de Florbela esculpido por Diogo Macedo



Fonte: Acervo do autor

Curiosamente, parecendo estabelecer mais um diálogo com Florbela, em “Alguém mandou-me violetas”, poema de Fernanda publicado no livro *70 anos de poesia*, o sujeito poético diz ter recebido violentas roxas, justamente as flores roxas que constantemente permeavam os sonetos da “Sóror Saudade”:

Alguém mandou-me violetas
e as longas horas de Outono,
de roxas, ficaram pretas.
Violetas,
gotas de mágoa, de tédio,
de abandono,
de tristeza sem remédio,

e nem sequer tenho sono.
(CASTRO, 2010, p, 245)

É possível afirmar que, tanto nos versos de Fernanda quanto nos de Florbela, as flores roxas simbolizam a tristeza, a mágoa, o abandono e a morte:

És triste; eu sei. Toda suavidade
Tão roxa, como é roxa uma saudade
É a tua alma, amor, cheia de mágoa.
(ESPANCA, 2016, p. 90)

Vamos encher-lhe o seu caixão dolente
De roxas violetas; triste cor!
Triste como ele, nascido ao sol poente,

O nosso sonho... ai!... reza baixo... amor...
(ESPANCA, 2016, p. 90)

De olheiras roxas, roxas, quase pretas,
De olhos lípidos, doces, languescentes,
Lagos em calma, pálidos, dormentes
Onde se debruçassem violetas...
(ESPANCA, 2016, p. 201)

Para a efeméride do trigésimo aniversário da morte de Florbela Espanca, Fernanda de Castro afirma que foi convidada novamente a escrever sobre a poetisa. Fernanda usou como base o artigo feito para a *Revista Eva*, em 1931, mas fez algumas importantes alterações. Florbela ainda foi retratada como uma mulher insubmissa que não fora compreendida pelo seu tempo, mas já não era mais uma alma doente. As transformações das mentalidades ocorridas durante quase três décadas, certamente, fizeram com que Fernanda desmistificasse e humanizasse um pouco mais as recordações que mantinha de Florbela e, sobretudo, com que aplacasse um pouco da sua culpa, já então repartida com as vicissitudes imposta pelo contexto sociocultural do início do século XX, também responsáveis pelo “encontro falhado” das duas. Fernanda, que só morreria em 1994, testemunhou tantas outras transformações sociais e políticas que fizeram com que Florbela fosse considerada um dos grandes nomes da poesia portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leão Francisco. *Notícias de Évora*. Évora: 18 de junho de 1949.
- ALONSO, Cláudia Pazos. *Imagens do eu na poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.
- CASTRO, Fernanda de. *Antemanhã*. Lisboa: [s.n.], 1919.
- _____. Álbum de retratos. In: *Diário de Notícias*. Lisboa: 1924. Disponível em: http://purl.pt/272/2/n10/n10_item34/index.html. Acessado em: 28 de abril de 2020.
- _____. Florbela Espanca. *Eva*. Ano 6, n. 304. Lisboa, 07 de março de 1931.
- _____. *A fim da memória*. Memórias I. Lisboa: Litografia Original, 1988.
- _____. *70 anos de poesia: 1919-1989*. Porto: Fundação Eng. António Almeida, 1989.
- _____. Cartas para além do tempo. In: *Obras Completas*. Círculo de Leitores, 2006.
- ESPANCA, Florbela. *Afinado Desconcerto*. Estudo introdutório, estabelecimento de texto e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. Poesias. *Obras Completas*. Organização, apresentação e notas de Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento. Prefácio de Maria Lúcia Dal Farra.

GRAÇA, J.J. da Silva (diretor). *Ilustração Portuguesa*. 2.^a série, n.º 820. Lisboa: 5 de novembro de 1921.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Volume XII (1910-1926). Lisboa: Verbo, 1990.

SCHWALBACH, Eduardo(diretor). *Diário de Notícias*. Lisboa: 27 de fevereiro de 1931.

TEIXEIRA, Maria Amélia (diretora). *Portugal Feminino*, Ano1. n. 08. Lisboa: setembro de 1930.

Andreia Alves Monteiro de Castro

Professora Adjunta de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ (2019). Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2017). Mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2010). Membro do Polo de Pesquisa de Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura. Membro associado ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pesquisadora da Cátedra Almeida Garrett (UERJ).

Recebido em 20/08/2020.

Aceito em 20/10/2020.